

C
OS
0
D

48

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

INDÍCIOS DE OIRO

EDIÇÕES «PRESENÇA»

1 9 3 7

6
12448

INDÍCIOS
DE
OIRO



DESTA EDIÇÃO ORIGINAL DOS

INDÍCIOS DE OIRO

DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO,

QUE ACABOU DE SE IMPRIMIR NAS OFICINAS DA IMPRENSA
PORTUGUESA, À RUA FORMOSA N.º 108, NO PÔRTO, AOS 8
DE DEZEMBRO DE 1937 IMPRIMIRAM-SE OITOCENTOS-E-CIN-

QÜENTA EXEMPLARES, A SABER:

SETECENTOS-E-CINQÜENTA EM PAPEL VERGÉ, DOS QUAIS
SETECENTOS NUMERADOS DE 1 A 700 E OS RESTANTES
DE 700 S. I. A 750 S. I., ESTES FORA DO MERCADO, DESTI-
NADOS AO SERVIÇO DE IMPRENSA. E CEM EXEMPLARES EM
PAPEL ESPECIAL, DOS QUAIS CINCO NUMERADOS DE A A E,
FORA DO MERCADO, E NOVENTA-E-CINCO DE I A XCV.

Exemplar número

LIX

DEP. LEG.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO



R. 133838

INDÍCIOS DE OIRO

EDIÇÕES «PRESENÇA»

PÓRTO

1 9 3 7

124481

13882

INDICIOS
DE
OTRO

EPÍGRAFE

A sala do castelo é deserta e espelhada.

Tenho medo de Mim. Quem sou? De onde cheguei?...

Aqui, tudo já foi... Em sombra estilizada,

A côr morreu — e até o ar é uma ruína...

Vem de Outro tempo a luz que me ilumina —

Um som opaco me dilui em Rei...

NOSSA SENHORA DE PARIS

Listas de som avançam para mim a fustigar-me
Em luz.
Todo a vibrar, quero fugir... Onde acoitar-me?...
Os braços duma cruz
Anseiam-se-me, e eu fujo também ao luar...

Um cheiro a maresia
Vem me refrescar,
Longínqua melodia
Tôda saudável a Mar...
Mirtos e tamarindos
Odoram a lonjura;
Resvalam sonhos lindos...
Mas o Oiro não perdura
E a noite cresce agora a desabar catedrais...

Fico sepulto sob círios,
Escureço-me em delírios
Mas ressurjo de Ideais...

— Os meus sentidos a escoarem-se...
Altars e velas...
Orgulho... Estrélas...
Vitrais! Vitrais!

Flores de Liz...

Manchas de côr a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
— Nossa Senhora de Paris!...

Paris, 1913 — Junho 15.

SALOMÉ

Insónia roxa. A luz a virgular-se em mêdo,
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...
Ela dança, ela range. A carne, alcool de nusa
Alastra-se para mim num espasmo de segrêdo...

Tudo é capricho ao seu redor, em sombras fátuas. .
O aroma endoideceu, upou-se em côr, quebrou...
Tenho frio... Alabastro! A minha Alma parou...
E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em Íris. Nimba-se a perder-me,
Golfa-me os seios nus, ecoa-me em quebranto...
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — há sexos no seu pranto...
Ergo-me em som, oscilo, e parto, e vou arder-me
Na bôca imperial que humanizou um Santo...

Lisboa, 1913 — Novembro 3

NÃO

Longes se aglomeram
Em tórno aos meus sentidos,
Nos quais prevejo erguidos
Paços reais de mistérios.

Cinjo-me de côr,
E parto a demandar.
Tudo é Oiro em meu rastro —
Poeira de amor...

Adivinho alabastro...
Detenho-me em luar...

Lá se ergue o castelo
Amarelo do mêdo
Que eu tinha previsto:
As portas abertas,
Lacaios parados,

As luzes, desertas —
Janelas incertas,
Torreões sepulcrados...

Vitória! Vitória!
Mistério é riqueza —
E o medo é Mistério!...

Ó paços reais encantados
Dos meus sentidos doirados,
Minha glória, minha beleza!

(—Se tudo quanto é dourado
Fôsse sempre um cemitério?...)

Heráldico de Mim,
Transponho liturgias...

Arrojo-me a entrar
Nos Paços que alteei,
Quero depôr o Rei
Para lá me coroar.

Ninguém me veda a entrada,
Ascendo a Escadaria —
Tudo é sombra parada,
Silêncio, luz fria...

Ruiva, a sala do trono
Ecoa roxa aos meus passos.

Sonho os degraus do trono —
E o trono cai feito em pedaços...

Deixo a sala imperial,
Corro nas galerias,
Debruço-me às gelosias —
Nenhuma deita pra jardins...

Os espelhos são cisternas —
Os candelabros
Estão todos quebrados...

Vagueio o Palácio inteiro,
Chego ao fim dos salões...
Emfim, oscilo alguém!
Encontro uma Rainha,
Vélha, entrevadinha,
A que vigiam dragões...

E acordo...
Choro por mim... Como fui louco...
Afinal
Neste Palácio Real
Que os meus sentidos ergueram,
Ai, as côres nunca viveram...
Morre só uma rainha,
Entrevada, sequinha,
Embora a guardem dragões...

.....
.....

— A Rainha velha é a minha Alma — exangue...
— O Paço Real o meu génio...
— E os dragões são o meu sangue...

(Se a minha alma fôsse uma Princesa nua
E debochada e linda...)

Lisboa, 1913 — Dezembro 14

CERTA VOZ NA NOITE, RUIVAMENTE...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada
Em sons côr de amarantho, às noites de incerteza,
Que eu lembro não sei de Onde—a voz duma Princesa
Bailando meia nua entre clarões de espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxçada;
E bêbada de Si, arfante de Beleza,
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi mesmo em visão. Sòmente
A sua voz a fulcra ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne—a carne inexistente...

É só de voz-em-cio a bailadeira astral —
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,
É que eu sonho esvair-me em vícios de marfim...

Lisboa, 1914 — Janeiro 31.

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

Lisboa, Fevereiro de 1914.

Esta inconstância de mim próprio em vibração
É que me há de transpôr às zonas intermédias,
E seguirei entre cristais de inquietação,
A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,
Meus sonhos, leões de fogo e pasmo domados a tirar
A tôrre de oiro que era o carro da minha Alma,
Transviarão pelo deserto, moribundos de Luar —
E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...
Nos oasis depois hão de se abismar gumes,
A atmosfera há de ser outra, noutros planos;
As rãs hão de coaxar-me em roucos tons humanos
Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

*

Há sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...
A cada passo a minha alma é outra cruz,
E o meu coração gira: é uma roda de côres...
Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...

Já não é o meu rastro o rastro de oiro que ainda sigo...
Resvalo em pontes de gelatina e de bolores. .
— Hoje a luz para mim é sempre meia-luz...

.....
.....

As mesas do Café endoideceram feitas ar...
Caiu-me agora um braço... Olha lá vai êle a valsar,
Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

(Subo por mim acima como por uma escada de corda,
E a minha Ansia é um trapézio escangalhado...)

Lisboa, Maio de 1914.

APOTEOSE

Mastros quebrados, singro num mar de Ouro
Dormindo fogo, incerto, longemente...
Tudo se me igualou num sonho rente,
E em metade de mim hoje só moro...

São tristezas de bronze as que inda choro —
Pilastras mortas, mármore ao Poente...
Lagearam-se-me as ânsias brancamente
Por claustros falsos onde nunca oro...

Desci de Mim. Dobrei o manto de Astro,
Quebrei a taça de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ânsia... Luz-perdão... Orquídeas-pranto...
.....
— Ó pântanos de Mim — jardim estagnado!...

Paris, 1914 — Junho 28

DISTANTE MELODIA

Num sonho de Íris, morto a ouro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo azul
Que me oscilava entre véus de tule —
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram côres,
Nasciam num jardim as minhas ânsias,
Havia na minha alma Outras distâncias —
Distâncias que o segui-las era flores...

Caía Ouro se pensava Estrélas,
O luar batia sôbre o meu alhear-me...
— Noites-lagoas, como éreis belas
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Idade acorde de Inter-sonho e Lua,
Onde as horas corriam sempre jade,
Onde a neblina era uma saüdade,
E a luz — anseios de Princesa nua...

Balaústres de som, arcos de Amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Domínio inexprimível de Ópio e lume
Que nunca mais, em côr, hei de habitar...

Tapetes de outras Pérsias mais Oriente...
Cortinados de Chinas mais marfim...
Áureos Templos de ritos de setim...
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panteons de nostalgias,
Catedrais de ser-Eu por sôbre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Bizâncios-Alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... Cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...
— Ao meu redor eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia...

Paris, 1914 — Junho 30

SUGESTÃO

As companheiras que não tive,
Sinto-as chorar por mim, veladas,
Ao pôr do sol, pelos jardins...
Na sua mágoa azul revive
A minha dor de mãos finadas
Sobre setins...

Paris, Agosto de 1914

TACITURNO

Há Ouro marchetado em mim, a pedras raras,
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais —
Jôia profunda a minha alma a luzes caras,
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.
Tôda uma estirpe real de heróis de outras bravuras
Em mim se despojou dos seus braços e presas.

Heráldicas-luar sôbre ímpetos de rubro,
Humilhações a liz, desforços de brocado;
Basílicas de tédio, arnezes de crispado,
Insignias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro...

A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido
Enferrujou — embalde a tentarão descer...
Sôbre fossos de Vago, ameias de inda-querer —
Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido...

Percorro-me em salões sem janelas nem portas,
Longas salas de trono a espessas densidades,
Onde os panos de Arrás são esgarçadas saúdades,
E os divans, em redor, ânsias lassoas, absortas...

Há roxos fins de Império em meu renunciar —
Caprichos de setim do meu desdém Astral...
Há exéquias de heróis na minha dor feudal —
E os meus remorsos são terraços sôbre o mar...

Paris, Agôsto de 1914

O RESGATE

A última ilusão foi partir os espelhos —
E nas salas ducaes, os frisos de esculturas
Desfizeram-se em pó... Tôdas as bordaduras
Cairam de-repente aos reposteiros vèlhos.

Atónito, parei na grande escadaria
Olhando as destroçadas, imperiais riquezas...
Dos lustres de cristal — as velas de ouro, acesas,
Quebravam-se também sôbre a tapeçaria...

Rasgavam-se setins, abatiam-se escudos;
Estalavam de côr os grifos dos ornatos.
Pelas molduras de honra, os lendários retratos
Sumiam-se de mêdo, a roçagar veludos...

Doido! Trazer ali os meus desdêns crispados!...
Tetos e frescos, pouco a pouco ennegreciam;
Panos de Arrás do que não-Fui emurcheciam —
Velavam-se braços, súbitamente errados...

Então, eu mesmo fui trancar tôdas as portas;
Fechei-me a Bronze eterno em meus salões ruídos...
— Se arranho o meu despeito entre vidros partidos,
Estilizei em Mim as douraduras mortas!

Camarate — Quinta da Vitória — Outubro 1914.

VISLUMBRE

A horas flébeis, outonais —
Por magoados fins de dia —
A minha alma é água fria
Em ânforas de Ouro... entre cristais...

Camarate — Quinta da Vitória — Outubro 1914.

BÁRBARO

Enroscam-se-lhe ao tronco as serpentes douradas
Que, César, mandei vir dos meus viveiros de África.
Mima a luxúria a nua — Salomé asiática...
Em volta, carne a arder — virgens supliciadas...

Mitrado de oiro e lua, em meu trono de esfinges —
Dentes rangendo, olhos de insónia e maldição —
Os teus coleios vis, nas infâmias que finges,
Alastram-se-me em febre e em garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...
Sangue te escorre já da bôca profanada...
Como bailas o vício, ó torpe, ó debochada —
Densos sabbats de cio teus frenesis vermelhos...

Mas ergues-te num espasmo — e às serpentes domas
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...
As tranças desprendeste... O teu cabelo, incerto,
Inflama agora um halo a crispações e aromas...

Em balde mando arder as mirras consagradas:
O ar apodreceu da tua perversão...
Tenho medo de ti num calafrio de espadas —
A minha carne soa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delírio — e sufoco, esbracejo...
A luz enrijeceu zebrada em planos de aço...
A sangue se virgula e se desdobra o espaço...
Tudo é loucura já quanto em redor alvejo!...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,
Caio sobre a maldita... Apunhá-lo-a em estertor...

.....
.....

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,
Ou a minha Alma só que me explodiu de ^dcôr!...

Camarate — Quinta da Vitória — Outubro 1914.

ÂNGULO

Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar ôco de certezas mortas?—
Fingidas, afinal, tôdas as portas
Que no dique julguei ter construído...

—Barcaças dos meus ímpetos tigrados,
Que oceano vos dormiram de Segrêdo?
Partiste-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao roxo, a que rochedo?...

Ó nau de festa, ó ruiva de aventura
Onde, em Champanhe, a minha ânsia ia,
Quebraste-vos também ou, porventura,
Fundeaste a Ouro em portos de alquimia?...

.....
.....

Chegaram à baía os galeões
Com as sete Princesas que morreram.

Regatas de luar não se correram...
As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado,
Mas a ponte era falsa — e derradeira.
Segui no cais. O cais era abaúlado,
Cais fingido sem mar à sua beira...

— Por sobre o que Eu não sou há grandes pontes
Que um outro, só metade, quer passar
Em miragens de falsos horizontes —
Um outro que eu não posso acorrentar...

Barcelona, Setembro 1914.

ANTO

Caprichos de lilás, febres esguias,
Enlevos de Ópio — Iris-abandono...
Saúdades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essências langues, fugidias...

O pagem débil das ternuras de setim,
O friorento das carícias magoadas;
O príncipe das Ilhas transtornadas —
Senhor feudal das Tôrres de marfim...

Lisboa 1915 — Fevereiro 14

A INEGUALÁVEL

Ai, como eu te queria tôda de violetas
E flêbil de setim...
Teus dedos longos, de marfim,
Que os sombreassem jóias pretas...

E tão febril e delicada
Que não pudesses dar um passo —
Sonhando estrêlas, transtornada,
Com estampas de côr no regaço...

Queria-te nua e friorenta,
Aconchegando-te em zibelinas —
Sonolenta,
Ruiva de éteres e morfinas...

Ah! que as tuas nostalgias fôsem guisos de prata —
Teus frenesis, lantejoulas;
E os ócios em que estiolas,
Luar que se desbarata...

.....
.....
Teus beijos, queria-os de tule,
Transparecendo carmim —
Os teus espasmos, de sêda...

— Água fria e clara numa noite azul,
Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa, 1915 — Fevereiro, 16

ELEGIA

Minha presença de setim
Tôda bordada a côr de rosa,
Que foste sempre um adeus em mim
Por uma tarde silenciosa...

Ó dedos longos que toquei,
Mas se os toquei, desapareceram...
Ó minhas bôcas que esperei,
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards de Europa e beijos
Onde fui só um espectador...
—Que sono lasso, o meu amor;
—Que poeira de ouro, os meus desejos...

Há mãos pendidas de amuradas
No meu anseio a divagar...
Em mim findou todo o luar
Da lua dum conto de fadas...

Eu fui alguém que se enganou
E achou mais belo ter errado.
Mantenho o trono mascarado
Onde me sagrei Pierrot.

Minhas tristezas de cristal,
Meus débeis arrependimentos
São hoje os vêlhos paramentos
Duma pesada Catedral.

Pobres enleios de carmim
Que reservara pra algum dia...
A sombra loira, fugidia,
Jamais se abeirará de mim...

— Ó minhas cartas nunca escritas,
E os meus retratos que rasguei...
As orações que não rezei...
Madeixas falsas, flores e fitas...

O «petit-bleu» que não chegou...
As horas vagas do jardim...
O anel de beijos e marfim
Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afectuosa
Num hospital branco de paz...
A dor maguada e duvidosa
De um outro tempo mais lilás...

Um braço que nos acalenta...
Livros de côr à cabeceira...
Minha ternura friorenta —
Ter amas pela vida inteira...

Ó grande Hotel universal
Dos meus frenéticos enganos,
Com aquecimento-central,
Escrocs, cocottes, tziganos...

Ó meus Cafés de grande vida
Com dançarinas multicolores...
— Ai, não são mais as minhas dôres
Que a sua dança interrompida...

Lisboa — Março de 1915.

ESCALA

Oh! regressar a mim profundamente
E ser o que já fui no meu delírio...
—Vá, que se abra de novo o grande lírio,
Tombem miosótis em cristal e Oriente!

Cinja-me de novo a grande esperança,
E de novo me timbre a grande Lua!
Eia! que empunhe como outrora a lança
E a espada de Astros — ilusória e nua!

Rompa a fanfarra atrás do funeral!
Que se abra o poço de marfim e jade!
—Vamos! é tempo de partir a Grade!
Corra o palácio inteiro o vendaval!

Nem portas nem janelas, como dantes:
A chuva, o vento, o sol — e eu, a Estátua!
Que me nimbe de novo a auréola fátua —
Tirano medieval de Oiros distantes.

E o Príncipe sonâmbulo do Sul,
O Doge de Venezas escondidas,
O chaveiro das Tôrres poluídas,
O mítico Rajá de Indias de tule —

Me erga imperial, em pasmo e arrogância,
Toldado de luar — cintil de arfejos:
Imaginário de carmim e beijos,
Pierrot de fogo a cabriolar Distância.

Num entardecer a esfinges de Ouro e mágua —
Que se prolongue o Cais de me cismar —
Que ressurja o terraço à beira-mar
De me iludir em Rei de Pérsias de água.

É tempo ainda de realçar-me a espelhos,
Travar mistérios, influir Destaque.
Vamos! por terra os reposteiros vêlhos —
Novos brocados para o novo ataque!

Torne-se a abrir o Harém em festival,
(Harém de gaze, e as odaliscas sêda...)
Que se embandeire em mim o Arraial,
Haja bailes de Mim pela alameda!...

Rufem tambores, colem-se os cartazes —
Gire a tômbola, o carroussel comece!
Vou de novo lançar-me na kermesse:
— Saltimbanco, que a feira tôda arrazes!

Eh-lá! mistura os sons com os perfumes,
Disparata de côr, guincha de luz!
Amontoa no palco os corpos nus,
Tudo alvoroça em malabares de lumes!

Recama-te de Anil e destempêro,
Tem coragem — em mira o grande salto!
Ascende! Tomba! Que te importa? Falto
Eu, acaso?... Ânimo! Lá te espero.

Que nada mais te importe. Ah! segue em frente
Ó meu Rei-lua o teu destino dúbio:
E sê o timbre, sê o oiro, o eflúvio,
O arco, a zona — o Sinal do Oriente!

Paris — Julho de 1915.

SETE CANÇÕES DE DECLÍNIO

I

Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto de Astro —
E pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte real — livre, sem mastro.

Fantástica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha Sorte
Preditada por ciganos numa estrada...

2

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos panos de fundo
A cada hora vivida.

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão.
Cenários de mutação
Pela minha vida fora!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasma.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulário do Instante,
O amante sem amante,
Ora amado ora traído...

Lançar os barcos ao Mar —
De névoa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

...E as minhas unhas polidas —
Idea de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A tintas desconhecidas...

Mistério duma incerteza
Que nunca se há de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro
Suceda-se a minha vida
Escada de Oiro descida
Aos pinotes, quatro a quatro!...

— Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as Côres são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

Kermesse — eia! — e ruído!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carroussel,
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de côr, vozeria —
Os automóveis repletos:
Seus chauffeurs — os meus afectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria êsse encanto.

— Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz dêles os meus criados,
Com muita pênna — decerto.
Mas quero o Salão aberto,
E os meus braços repousados,

As grandes Horas! — vivê-las
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto . . .»
— Mas não há maior desgosto
Nem há maior vilania!

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada há que se não dome
Quando a Estréla fôr tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Êsses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
— Toldados, inúteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter;
O nosso caminho é de Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro há de ser! . . .

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil côres,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfetores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sobre sonhos que esqueceram...

Um lago à luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saüdade que não recorda —
Bola de tennis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
De Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, à beira-mar,
Em tardes de céu azul...

Viagem circulatória
Num expresso de wagons-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisória ...

Palace cosmopolita
De rastaquouères e cocottes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita ...

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-u-ha —
Interminável sofá
Dum estôfo profundo e mole ...

Pinturas a «ripolin»,
Anúncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Lynotyp do «Matin» ...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revolução ...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado ...

Nobre ponte citadina
De intranquã capital —
A humidade outonal
De uma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou água ao sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adultérios...
Porta falsa de mistérios —
Tôda uma estante repleta:

Seja enfim a minha vida
Tarada de ócios e Lua:
Vida de Café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlévo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágua dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6

Um frenesi hialino arripou
Pra sempre a minha carne e a minha vida.
Fui um barco de vela que parou
Em súbita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na idea de um país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fôsse encanto,
Ou preguiça, ou delírio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fôsse o vento
Propício que faltasse: ágil e santo...

...Frente ao pôrto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cúpulas de sombra côr de rosa,
As tôrres de platina e de saúde.

Avenidas de sêda deslizando,
Praças de honra libertas sôbre o mar —
Jardins onde as flores fôssem luar;
Lagos — carícias de ambar flutuando...

Os palácios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as catedrais —
Sôbre a cidade a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debruá-la em volta,
A isolá-la em lenda marchetada:
Uma Veneza de capricho — solta,
Instável, dúbia, pressentida, alada...

Exílio branco — a sua atmosfera,
Murmúrio de aplausos — seu brou-u ha . . .
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estatura «que nunca tombará» . . .

7

Meu alvorôço de oiro e lua
Tinha por fim que transbordar . . .
— Caíu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

Paris — Julho e Agosto 1915.

ABRIGO

Paris da minha ternura
Onde estava a minha Obra —
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha aventura.

Ó meu Paris, meu menino,
Meu inefável brinquedo...
— Paris do lindo segrêdo
Ausente no meu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apeteido —
Meu vinho de Oiro bebido
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma —
Ponte sôbre o meu revez:
Consôlo da viüvez
Sempre noiva da minha Alma...

Ó fita benta de côr,
Compressa das minhas feridas...
— Ó minhas unhas pulidas,
— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de anos,
Minha festa de veludo...
Paris: derradeiro escudo,
Silêncio dos meus enganos.

Milagroso carroussel
Em feira de fantasia —
Meu órgão de Barbaria,
Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura,
Minha cidade com rosto...
— Ai, meu acerado gôsto,
Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris — meu lôbo o amigo...
— Quisera dormir contigo,
Ser todo a tua mulher!...

Paris — Setembro 1915.

CINCO HORAS

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Tôda de pedra brunida
Que linda e que fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licôres
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têm côres
Mais vivas e mais brutais).

Sôbre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber...

Sôbre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois há um ano que fumo —
Imaginário presumo
Os meus enredos bizarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beijá-la, claramente...)

Um novo freguês que entra
É novo actor no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nêle outro enrêdo concentra.

E o carmim daquela bôca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha idea persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E dêstes vislumbres são
As minhas maiores saüdades...

(Que história de Oiro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui herói de novela
Que autor nenhum empregou...)

Nos cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:
— Não me faz nenhum castigo,
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
Pra mim não há melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha preguiça,
Sois hoje—que galardão!—
Todo o meu campo de acção
E tôda a minha cubiça.

Paris — Setembro 1915.

SERRADURA

A minha vida sentou-se
E não há quem a levante,
Que desde o Poente ao Levante
A minha vida fartou-se.

E ei-la, a mona, lá está,
Estendida, a perna traçada,
No infindável sofá
Da minha alma estofada.

Pois é assim; a minha Alma
Outrora a sonhar de Rússias,
Espapaçou-se de calma,
E hoje sonha só pelúcias.

Vai aos Cafés, pede um bock,
Lê o «Matin» de castigo,
E não há nenhum remoque
Que a regresse ao Oiro antigo.

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa, mas que maça:
O zumbido dum moscardo,
Ou comichão que não passa.

Folhetim da «Capital»
Pelo nosso Júlio Dantas—
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca fazia,
E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,
Quando eu mal me precate,
É capaz dum disparate,
Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remédio?
—Pra acabar êste intermédio
Lembrei-me de endoidecer:

O que era fácil — partindo
Os móveis do meu hotel,
Ou para a rua saindo
De barrete de papel

A gritar «Viva a Alemanha»...
Mas a minha Alma, em verdade,
Não merece tal façanha,
Tal prova de lealdade...

Vou deixá-la — decidido —
No lavabo dum Café,
Como um anel esquecido.
É um fim mais raffiné.

Paris — Setembro 1915.

O LORD

Lord que eu fui de Escócias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadência,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens,
Pára às montras de jóias de opulência
Num desejo brumoso — em dúvida iludida...
(— Por isso a minha raiva mal contida,
— Por isso a minha eterna impaciência.)

Olha as Praças, rodeia-as...
Quem sabe se éle outrora
Teve Praças, como esta, e palácios e colunas —
Longas terras, quintas cheias,
Hiates pelo mar fora,
Montanhas e lagos, florestas e dunas...

(— Por isso a sensação em mim fincada há tanto
Dum grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido —
E a Côr na minha Obra o que ficou do encanto...)

Paris — Setembro 1915.

O RECREIO

Na minha Alma há um balouço
Que está sempre a balouçar —
Balouço à beira dum poço,
Bem difícil de montar...

— E um menino de bibe
Sôbre êle sempre a brincar...

Se a corda se parte um dia
(E já vai estando esgarçada),
Era uma vez a folia:
Morre a criança afogada...

— Cá por mim não mudo a corda.
Seria grande estopada...

Se o indez morre, deixá-lo...
Mais vale morrer de bibe
Que de casaca... Deixá-lo
Balouçar-se enquanto vive...

— Mudar a corda era fácil...
Tal idea nunca tive...

Paris — Outubro 1915.

TORNIQUETE

A tómbola anda de-pressa,
Nem sei quando irá parar —
Aonde, pouco me importa;
O importante é que pare...
— A minha vida não cessa
De ser sempre a mesma porta
Eternamente a abanar...

Abriu-se agora o salão
Onde há gente a conversar.
Entrei sem hesitação —
Sòmente o que se vai dar?
A meio da reunião,
Pela certa disparato,
Volvo a mim a todo o pano:

Às cambalhotas desato
E salto sôbre o piano...
— Vai ser bonita a função!

Esfrangalho as partituras,
Quebro tôda a caqueirada,
Arrebento à gargalhada,
E fujo pelo saguão...

Meses depois, as gazetas
Darão críticas completas,
Indecentes e patetas,
Da minha última obra...
E eu — prá cama outra vez,
Cortindo febre e revez,
Tocado de Estrêla e Cobra...

Paris — Novembro 1915.

PIED-DE-NEZ

Lá anda a minhor Dor às cambalhotas
No salão de vermelho atapetado —
Meu setim de ternura engordurado,
Rendas da minha ânsia tôdas rôtas...

O Êrro sempre a rir-me em destrambelho —
Falso mistério, mas que não se abrange...
De antigo armário que agoirento range,
Minha alma actual o esverdinhado espelho...

Chora em mim um palhaço às piruetas;
O meu castelo em Espanha, ei-lo vendido —
E, entretanto, foram de violetas,

Deram-me beijos sem os ter pedido...
Mas como sempre, ao fim — bandeiras pretas,
Tômbolas falsas, carroussel partido...

Paris — Novembro 1915.

O PAGEM

Sòzinho de brancura, eu vago — Asa
De rendas que entre cardos só flutua...
— Triste de Mim, que vim de alma prá rua,
E nunca a poderei deixar em casa...

Paris — Novembro 1915.

CAMPAÏNHADA

As duas ou três vezes que me abriram
A porta do salão onde está gente,
Eu entrei, triste de mim, contente —
E à entrada sempre me sorriram...

Paris — Outubro 1915.

ÁPICE

O raio do sol da tarde
Que uma janela perdida
Reflectiu
Num instante indiferente —
Arde,
Numa lembrança esvaída,
À minha memória de hoje
Súbitamente...

Seu efêmero arrepio
Zig-zagueia, ondula, foge,
Pela minha retentiva...
— E não poder adivinhar
Porque mistério se me evoca
Esta idea fugitiva,
Tão débil que mal me toca!...

— Ah, não sei porquê, mas certamente
Aquêlê raio cadente

Alguma coisa foi na minha sorte
Que a sua projecção atravessou...

Tanto segredo no destino de uma vida...

É como a idea de Norte,
Preconcebida,
Que sempre me acompanhou...

Paris — Agosto 1915.

DESQUITE

Dispam-me o Oiro e o Luar,
Rasguem as minhas togas de astros —
Quebrem os onix e alabastros
Do meu não me querer igualar.

Que faço só na grande Praça
Que o meu orgulho rodeou —
Estátua, ascensão do que não sou,
Perfil prolixo de que ameaça?...

...E o sol... ah, o sol do ocaso,
Perturbação de fôsko e Império —
A solidão dum ermitério
Na impaciência dum atrazo...

O cavaleiro que partiu,
E não voltou nem deu notícias —
Tão belas foram as primícias,
Depois só luto o anel cingiu...

A grande festa anunciada
A galas e elmos principescos,
Apenas foi executada
A guinchos e esgares simiescos...

Ânsia de Rosa e braços nus,
Findou de enleios ou de enjôos ..
— Que desbaratos os meus vãos;
Ai, que espantalho a minha cruz...

Paris — Julho 1915,

ÚLTIMO SONETO

Que rosas fugitivas foste ali!
Requeriam-te os tapetes—e vieste...
—Se me doi hoje o bem que me fizeste,
É justo, porque muito te devi.

Em que sêda de afagos me envolvi
Quando entraste, nas tardes que apareceste—
Como fui de percal quando me deste
Tua bôca a beijar, que remordi...

Pensei que fôsse o meu o teu cansaço—
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, tão esbelta, te curvava...

E fugiste... Que importa? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste,
Onde a minha saüdade a Côr se trava?...

Paris — Dezembro 1915.

OS
ÚLTIMOS POEMAS
DE
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

CARANGUEJOLA

Ah, que me metam entre cobertores,
E não me façam mais nada!...
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,
Que não se abra mesmo para ti se tu lá fôres!

Lã vermelha, leito fôfo. Tudo bem calafetado...
Nenhum livro, nenhum livro à cabeceira...
Façam apenas com que tenha sempre a meu lado
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais; não quero mesmo brinquedos.
Pra quê? Até se mos dessem não saberia brincar...
Que querem fazer de mim com estes enleios e mêdos?
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me sossegar!...

Noite sempre plo meu quarto. As cortinas corridas,
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor!...
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor —
Plo menos era o sossêgo completo... História! era a melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,
Pra que hei de teimar em ir para as salas, de Lord?
Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde
Com o meu corpo, e se resigne a não ter geito...

De que me vale sair, se me constipo logo?
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...
Deixa-te de ilusões, Mário! Bom édredon, bom fogo —
E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ânsia me levará.
Pra que hei de então andar aos tombos, numa inútil correria?
Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me prá enfermaria! —
Isto é, pra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Justo. Um quarto de hospital, higiênico, todo branco, moderno e tran-
qüilo;

Em Paris, é preferível, por causa da legenda...
De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda;
E depois estar maluquinho em Paris fica bem, tem certo estilo...

Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,
Se quiseses ser gentil, perguntar como eu estou.
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melho-
res maneiras...
Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acabou.

Paris — Novembro 1915.

CRISE LAMENTÁVEL

Gostava tanto de mexer na vida,
De ser quem sou — mas de poder tocar-lhe...
E não há forma: cada vez perdida
Mais a destreza de saber pegar-lhe.

Viver em casa como tôda a gente,
Não ter juízo nos meus livros — mas
Chegar ao fim do mês sempre com as
Despezas pagas religiosamente.

Não ter receio de seguir pequenas

.....
À minha Tôrre ebúrnea abrir janelas,
Numa palavra, e não fazer mais cenas.

Ter fôrça um dia para quebrar as roscas
Desta engrenagem que emperrando vai.
— Não mandar telegramas ao meu Pai.
— Não andar por Paris, como ando, às môscas,

Levantar-me e sair — não precisar
De hora e meia antes de vir prá rua
— Pôr termo a isto de viver na lua,
— Perder a *frousse* das correntes de ar.

Não estar sempre a bulir, a quebrar coisas
Por casa dos amigos que freqüento —
Não me embrenhar por histórias duvidosas
Que em fantasia apenas argumento.

Que tudo em mim é fantasia alada,
Um crime ou bem que nunca se comete:
E sempre o Oiro em chumbo se derrete
Por meu azar ou minha zoina suada...

Paris — Janeiro 1916.

O FANTASMA

O que farei na vida — o Emigrado
Astral, após que fantasiada guerra,
Quando êste Oiro por fim cair por terra,
Que ainda é Oiro, embora esverdinhado?

(De que revolta ou que país fadado?)
Pobre lisonja a gaze que me encerra...
Imaginária e pertinaz, desferra
Qua fôrça mágica o meu pasmo aguado?

A escada é suspeita e é perigosa:
Alastra-se uma nódoa duvidosa
Pela alcatifa, os corrimões partidos...

Taparam com rodilhas o meu norte,
As formigas cobriram minha sorte,
Morreram-me meninos nos sentidos...

Paris — 21 Janeiro 1916.

EL-REI

Quando chego o piano estala agoiro
E medem-se os convivas logo, inquietos;
Alargam-se as paredes, sobem tetos;
Paira um Luxo de Adaga em mão de moiro.

Meu intento porém é todo loiro
E a côr de rosa, insinuando afectos,
Mas ninguém se me expande... Os meus dilectos
Frenesis ninguém brilha! Excesso de Oiro...

Meu Dislate a conventos longos orça.
Pra medir minha zoina, aquém e além,
Só mítica, de alada, esguia côrça.

Quem me convida mesmo não faz bem:
Intruso ainda quando, à viva fôrça,
A sua casa me levasse alguém...

Paris — 30 Janeiro 1916.

AQUELOUTRO

O dúbio mascarado, o mentiroso
Afimal, que passou na vida incógnito;
O Rei-lua postiço, o falso atónito;
Bem no fundo o covarde rigoroso...

Em vez de Pagem bobo presunçoso...
Sua alma de neve asco de um vômito...
Seu ânimo cantado como indómito
Um laçao invertido e pressuroso...

O sem nervos nem ânsia, o papa-açorda...
(Seu coração talvez movido a corda...)
A-pesar-de seus berros ao Ideal,

O corrido, o raimoso, o desleal,
O balofo arrotando Império astral,
O mago sem condão, o Esfinge Gorda...

Paris — Fevereiro 1916.

FIM

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sôbre um burro
Ajaezado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
E eu quero por fôrça ir de burro!

Paris, 1916.

MARGINÁLIA

TÁBUA BIBLIOGRÁFICA

DE

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Nasceu em Lisboa, em 19 de Maio de 1890; suicidou-se em Paris, em 26 de Abril de 1916. Os apelidos, como é de ver, não são ligados; mas, como êle assim os passou a escrever, assim devem ser mantidos no seu nome.

Publicou os seguintes livros:

- Amizade*, peça em 3 actos (com Tomaz Cabreira Júnior), 1912;
Princípio, novelas, 1912;
Dispersão, 12 poemas, 1914;
A Confissão de Lúcio, narrativa, 1914 (simultâneamente com *Dispersão*);
Céu em Fogo, novelas, 1915:

Deixou inéditos, mas publicáveis:

Indícios de Ouro, poemas; e o primeiro capítulo de uma novela intitulada *Mundo Interior*. O manuscrito completo do primeiro está na posse de Fernando Pessoa, a quem foi enviado uns dias antes do suicídio. O manuscrito do segundo, que ficara em Paris, desapareceu, não tendo sido encontrado até agora.

Mário de Sá-Carneiro colaborou bastante em jornais e revistas, sobretudo anteriormente a 1912, mas dessa colaboração são aproveitáveis só:

- 1) O poema semi-futurista (feito com intenção de blague) *Manucure*, in «*Orpheu*», 2;
- 2) Um artigo, *O Teatro Arte*, no jornal de Lisboa «*O Debate*»;
- 3) Uma opinião em resposta a um inquérito literário do jornal «*República*», também de Lisboa.

Mário de Sá-Carneiro deixou a Fernando Pessoa a indicação de publicar a obra, que dêle houvesse, onde, quando e como lhe parecesse melhor. Essa publicação definitiva não será feita por enquanto, pois não há ainda público, propriamente dito, para ela. Quando feita constará dos livros:

- 1) De verso, *Dispersão*, *Indícios de Ouro*, e o poema *Manucure*, a-pesar-de blague;
- 2) De prosa, *A Confissão de Lúcio* e *Céu em Fogo*, assim como:
 - a) O capítulo de *Mundo Interior*, se aparecer;
 - b) O artigo do «*Debate*» e a opinião em «*República*».

Os livros *Amizade* e *Princípio* serão excluídos dessa publicação.

NOTA DOS EDITORES

Propusemo-nos editar os *Indícios de Oiro* desde que Fernando Pessoa, há anos, nos confiou uma sua cópia. A Fernando Pessoa, depositário dos inéditos de Sá-Carneiro, se devia já a publicação na *Contemporânea*, na *Athena*, na *Presença*, em outras revistas ainda, de vários poemas dos *Indícios de Oiro*. Além de que já um grupo dêles fôra publicado em vida do Poeta, no N.º 2 do *Orpheu*. Não se trata, pois, duma colectânea de dispersos: Mas duma obra que só a morte impediu o autor de publicar, e cujo título e ordenação Éle próprio determinou. O Poeta suicidou-se a 26 de Abril de 1916. Assim alguns poemas são de poucos meses anteriores à sua morte. O *Último Soneto* (que não foi o seu último soneto mas só o último soneto dos *Indícios de Oiro*) é de Dezembro de 1915. Aos *Indícios de Oiro* julgamos dever juntar *Os Últimos Poemas de Mário de Sá-Carneiro*. Foram quasi todos êstes publicados por Fernando Pessoa no N.º 2 da sua revista *Athena*. Por nos parecer que deverá interessar aos leitores dêste livro, publicamos ainda, transcrita do N.º 16 da *Presença* (Novembro de 1928), uma *Tábua bibliográfica* relativa ao Poeta. Pôsto haja saído anònimamente na citada fôlha, foi também Fernando Pessoa quem a redigiu.

ÍNDICE

INDÍCIOS DE OIRO

	Pág.
Epigrafe	5
Nossa Senhora de Paris	6
Salomé	8
Não	9
Certa voz na noite, ruivamente...	13
7	14
16	15
Apoteose	17
Distante Melodia	18
Sugestão	20
Taciturno	21
O Resgate	23
Vislumbre	25
Bárbaro	26
Ângulo	28
Anto	30
A Inegualável	31
Elegia	33
Escala	36
Sete Canções de Declínio	39
Abrigo	48
Cinco Horas	50
Serradura	53
O Lord	56

	Pág.
O Recreio	57
Torniquete	59
Pied-de-Nez	61
O Pagem.	62
Campañhada.	63
Ápice	64
Destique	66
Último Soneto	68

OS ÚLTIMOS POEMAS DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Caranguejola	71
Crise Lamentável	73
O Fantasma	75
El-Rei.	76
Aqueloutro	77
Fim	78

MARGINÁLIA

TÁBUA BIBLIOGRÁFICA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO	81
NOTA DOS EDITORES	83





